

# Diversão & Arte

» RICARDO DAEHN

O filme, ou melhor, os filmes nunca são os mesmos, mas o roteiro do festivo da sétima arte é cíclico no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro que, na 57ª edição, louva a memória de Vladimir Carvalho. Morto no mês passado, o cineasta rende nome para a sala de exibição do Cine Brasília (EQS 106/107) — abrigo indissociável ao evento que ocorre desde 1965 na capital, e com abertura na noite de hoje (a partir das 20h). “A ideia da homenagem não partiu apenas da Secretaria de Cultura, muitas, mas muitas mesmo, pessoas, pediram, e é algo mais do que justo: não houve nenhuma resistência ao nome dele. Esperamos que seja perpetuado, a partir da iniciativa, o nome dele, sua obra e seu legado”, avaliou o secretário de Cultura do DF Claudio Abrantes.

Autor do filme *Criaturas da mente*, a ser exibido (fora de competição) na noite de hoje, o pernambucano Marcelo Gomes traz um conteúdo que mescla cinema e a formatação de sonhos. “Tudo no cinema tem a ver com o sonho. Com fronteiras próximas, há elementos que se misturam” observa o mesmo diretor de *Cinema, aspirinas e urubus*, sempre atento à relação orgânica e à inquietação da mente que, mesmo descansando, interfere no cotidiano de muitos.

Lembrando do personagem de Humphrey Bogart, em *O falcão maltês* (1941), que exalta “os materiais dos quais os sonhos são feitos”, dá para tatear os caminhos do filme *Criaturas da mente*, a partir de um personagem central do documentário: o neurocientista Sidarta Ribeiro. “Os sonhos e do que que eles são feitos, depende. Para pessoas que não prestam atenção neles, não passam de fragmentos de memórias encadeadas de maneira frequentemente incompreensíveis. Para quem tem cuidado com o sono e com o sonho, eles podem trazer uma corrente de memórias extremamente úteis para adaptação e sobrevivência. Acredito nessa possibilidade. Os sonhos são um portal de conexão espiritual, e se esse mundo espiritual está no cérebro ou fora, é uma questão secundária. Mas ele existe para quem crê, e sonhos são portais”, ressalta Sidarta. Nascido e criado em Brasília, de onde saiu em 1994, Sidarta volta para a capital, com entusiasmo: “Amo Brasília, amo o céu, a água, as cachoeiras, e amo o sonho de uma República que Brasília encarna”.

Fundadora, há 40 anos, do Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a atriz Zezé Motta (confira entrevista) estará hoje no evento, em lugar de destaque. Premiada com o Candango de melhor atriz, em 1976, por *Xica da Silva*, Zezé receberá nova homenagem, desta vez pelo conjunto da obra. Com lembranças póstumas, o cineasta Pedro Anísio e a atriz e produtora Malkú Moraes também serão homenageados. Amanhã, a partir das 17h30, o Cine Brasília acolherá outras homenagens: a medalha Paulo Emílio e o prêmio Leila Diniz; o primeiro a ser outorgada ao professor e ensaísta João Luiz Vieira, e o segundo reservado à atuante produtora Sara Silveira, que proporcionou bases para sucessos como *Bicho de sete cabeças*.

Para além da presença na tradicional Mostra Brasília (que traz até mesmo o documentário em disputa por indicação ao Oscar, *Tesouro*

*Natterer*, de Renato Barbieri), o cinema brasileiro estará representado na mostra competitiva, com o longa *Pacto da viola* (de Guilherme Bacalhao) e os curtas *Inflamável* (Rafael Ribeiro Gontijo), *Confluências* (Dácia Ibiapina) e *Descamar* (Nicolau). Aspectos de inovação atravessam os 12 curtas destacados para a competitiva. “Neles a gente tem uma noção mais ampla ainda do estabelecimento da diversidade. Nisso veio a responsabilidade de, entre quase 1.000 inscritos, trazer 12 para a seleção, e com a visibilidade de um conjunto. No quadro, desponta o uso de animação e se contemplam expressões de filmes de regiões do Brasil que não estão na mostra de longas”, comenta o diretor artístico Eduardo Valente. Ele aposta na renovação temática e em formas de expressão que gerem surpresa.

Na seara de longas, um dos destaques entre seis títulos é a participação do veterano Ruy Guerra, aos 93 anos. “A submissão do filme *A fúria* (codirigido por Luciana Mazzotti) ao processo seletivo aponta para a confiança do Ruy na curadoria e no ambiente cinematográfico, legítimo e aquecido do Festival de Brasília. Ele é um diretor de referência com histórico absolutamente importante na composição da história do cinema brasileiro. Traz o desfecho, muito aguardado, de uma trilogia iniciada com *Os fuzis* (1964). Temos as melhores expectativas, ainda para o debate, seguinte ao dia da exibição (6/12)”, observa a diretora geral Sara Rocha.

A grande questão no norte da curadoria do evento foi lembrar do DNA do festival: uma origem que tem relação com misturas de interesse pela discussão da linguagem do cinema e da condição geral do nosso país. “Quando se propõe uma mostra chamada Formação dos Brasis, paralela, não é por acaso. No conjunto de quatro filmes se traz aspectos culturais, sociais e políticos que fazem a gente olhar para para o país que a gente tem gerado e gerido. Nas mostras paralelas, o espectador não se afasta dos pontos centrais”, explica Eduardo Valente. Novidades não faltam ao pacote de longas em disputa. “Há uma realizadora estreante, Christiane Garcia, com o filme *Enquanto o céu não me espera*, e ainda temos realizadores indígenas (em Yög Atak), com carreira, mas que estão tendo, pela primeira vez, uma visibilidade numa vitrine do tamanho da competição de Brasília”, ressalta Valente.

COM INÍCIO HOJE, FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO TRAZ HOMENAGEM A ZEZÉ MOTTA E AO CINEASTA VLADIMIR CARVALHO. SERÁ EXIBIDO, FORA DA COMPETIÇÃO, O FILME *CRATURAS DA MENTE*, DE MARCELO GOMES

57º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro



Vladimir Carvalho será homenageado: sala do Cine Brasília terá o nome do cineasta paraibano-brasiliense



*Criaturas da mente*: participação pernambucana na abertura



*Confluências*, de Dácia Ibiapina: competição nacional

## 57º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

Hoje, no Cine Brasília, a partir das 20h, com entrada franca, mediante retirada prévia de ingressos (limitados) na bilheteria. Distribuição a partir das 14h. A partir das 20h, na Cia Lábios da Lua (Gama), no Complexo Cultural de Planaltina e na Faculdade Estácio (Taguatinga — Pistão Sul), a exibição do filme *Criaturas da mente* tem entrada franca.

Entrevista // Zezé Motta, atriz e cantora



Instagram/Reprodução

O que o filme *Xica da Silva* te deu? Como vê a real *Xica* que te serviu de inspiração?

Me deu tudo: *Xica* pode ser considerada a minha fada madrinha. Ela me projetou pro mundo, me fez ficar conhecida em diversos países. O papel que mais marcou a minha carreira foi, sem dúvida, *Xica da Silva*. Conheci 16 países por causa dela. O filme foi um divisor de águas em minha vida. Eu já havia feito muitos trabalhos, mas nada com tanta visibilidade. O Cacá Diegues (diretor) ficou sabendo de mim, por meio de amigos em comum. Nelson Motta, Marieta Severo e Chico Buarque chegavam pra ele e diziam: ‘Chama a Zezé’. Consegui fazer o teste e, um tempo depois, recebi uma ligação dizendo que havia sido aprovada. Quase desmaiei. Quando o filme estourou, eu estava fazendo uma comédia com a Eva Todor, *Rendez-vous*. Era um papel minúsculo, de empregada, claro. Entrava muda, saía calada. Antes do filme as pessoas iam ao teatro para ver a Eva. Depois, passaram a ir para me ver também.

Qual a música que mais te dá prazer cantar e alguma te exige muito? É possível exaltar seus pais na criação diferenciada, que te resultou artista?

Se sou cantora é graças ao meu pai, ele teve um papel importantíssimo na minha formação. Quanto às músicas é complicado. É muito difícil responder isso, pois se está no meu repertório é porque me dá prazer de certa forma. No momento, por exemplo, eu gosto muito de cantar no show que tenho feito atualmente *Coração Vagabundo* — Zezé canta Caetano, a música *Você é linda*, me emociona. Como uso meu lado atriz em meus shows, quando entra a canção *O ciúme*, eu meio que vivo aquela história.

Como vê a superação de negros (na tevê) se descolarem dos papéis de empregados?

Um trabalho que foi fruto de uma luta e começou lá atrás. Tenho muito orgulho de ser pioneira a falar e denunciar isso.

O preconceito racial e machista ainda assola o país? Como se dá teu engajamento contra isso?

Com certeza, o racismo está aí, escrachado, era velado, agora não mais. De que forma sou engajada? Com o meu trabalho. Tratou disso, por ele, há 55 anos.

Você se sente uma artista valorizada?

Hoje sim, me sinto valorizada, mas como mulher preta, de 80 anos, não ganho igual a um homem branco de 80 anos. A mulher ganha ainda menos do que o homem, e a mulher preta ganha menos que o homem e a mulher branca. Mas nem tudo é dinheiro e me sinto muito valorizada, com essa homenagem (no Festival), por exemplo. Não posso reclamar da vida.

VAI COMEÇAR a FESTA